

GOLFO DA GUINÉ: COMO A RÚSSIA TECE SUA REDE ESTRATÉGICA

A Rússia expande sua influência no Golfo da Guiné através de uma narrativa de soberania, diplomacia nuclear e corredores logísticos, substituindo as potências ocidentais com uma estratégia coerente e oportunista.

Olivier d'Auzon*

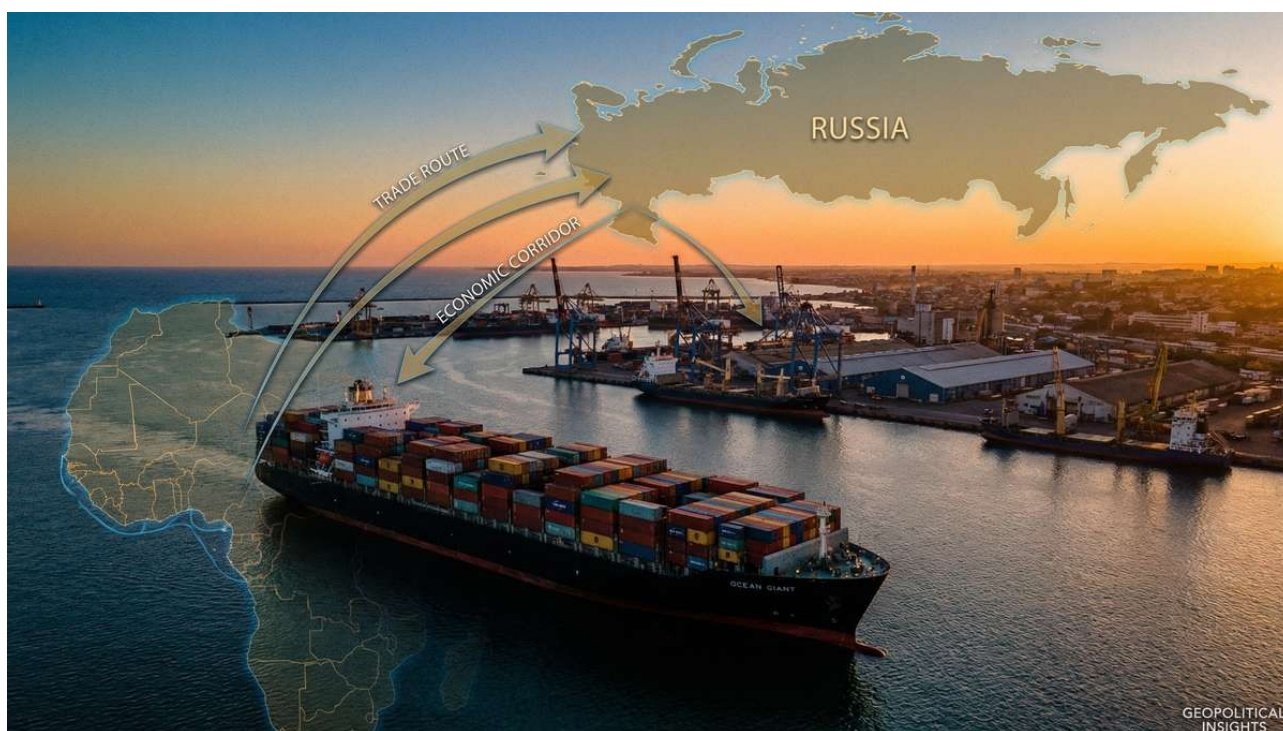


Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Existem áreas geográficas onde a história parece favorecer aqueles que conseguem perceber as fragilidades do momento. Hoje, o Golfo da Guiné é um desses cenários. Enquanto as potências ocidentais perdem influência na região, a Rússia avança seus interesses com um método que merece atenção.

Como aponta Igor Delanoë, vice-diretor do Observatório Franco-Russo e um dos principais especialistas no mundo pós-soviético, em um relatório publicado em 4 de dezembro de 2025, a estratégia de Moscou se baseia em três pilares: uma narrativa de soberania, diplomacia nuclear e construção de novos corredores logísticos.

O CASO DO URÂNIO NIGERINO: SINAL DA MUDANÇA EM CURSO

A liberação de 1.300 toneladas de concentrado de urânio no mercado por Niamey (capital do Níger) em 30 de novembro de 2025 representa muito mais do que uma crise comercial com a Orano¹. Para Delanoë, este episódio ilustra como a Rússia explora as tensões entre as elites africanas e as antigas potências coloniais para capitalizar um desejo profundamente enraizado: recuperar o controle de seus recursos, afirmar sua soberania e virar a página da tutela francesa.

O transporte discreto da carga de Arlit, no Níger, para Lomé, capital do Togo, via Burkina Fasso, revela uma nova realidade: o Níger incorporou aos seus cálculos estratégicos um corredor apoiado por Moscou, que está gradualmente substituindo as antigas rotas logísticas da África Ocidental.

A Rosatom, suspeita de envolvimento apesar de negar, poderia desempenhar um papel intermediário em um cenário onde o urânio é redirecionado para o Irã. Para Delanoë, este ponto é crucial: *“A Rússia não precisa desse urânio: está desempenhando um papel facilitador, reforçando uma parceria política em vez de atender a uma necessidade industrial”*, explica ele.

Assim, Moscou está transformando um carregamento de minerais em uma alavanca de influência e um sinal diplomático.

NARRATIVA RUSSA DE SOBERANIA: FERRAMENTA DE INFLUÊNCIA ASSUSTADORAMENTE EFICAZ

A Rússia compreendeu que, no continente africano, a narrativa é uma arma. Segundo Delanoë, Moscou dissemina uma mensagem simples, porém notavelmente precisa: soberania nacional, o fim do “neocolonialismo” e parcerias “equilibradas”. Essa narrativa ressoa poderosamente porque:

- *Se baseia em frustrações antigas;*
- *É utilizada em estados liderados por elites militares que buscam legitimidade;*
- *Desafia o discurso moral ocidental, frequentemente percebido como condescendente.*

¹ Orano é uma empresa do ciclo de combustível nuclear com sede na França. A empresa está envolvida na mineração de urânio, enriquecimento, reciclagem, logística nuclear, desmontagem e atividades de engenharia do ciclo nuclear.

O caso do urânio no Níger é uma ilustração perfeita: Niamey proclama sua soberania e Moscou emerge como garantidora de um novo equilíbrio de poder — uma ruptura com as estruturas de poder herdadas da era colonial.

DIPLOMACIA NUCLEAR: VANGUARDA DA OFENSIVA RUSSA

O segundo eixo identificado por Delanoë é o da energia nuclear civil, que se tornou uma importante ferramenta para demonstrar poder. A Rosatom está multiplicando seus memorandos de entendimento: Burquina Fasso, Tanzânia, Etiópia... e, é claro, o Níger.

Como analisa Delanoë, a Rússia está, portanto, construindo um ecossistema técnico e industrial que cria dependência: treinamento de engenheiros, infraestrutura médica e o potencial de longo prazo para usinas nucleares modulares.

A ambição do Níger por uma usina nuclear de 2.000 MW é mais uma questão de projeção política do que de viabilidade financeira imediata. Mas é justamente aí que reside o interesse de Moscou: *“Não se trata de construir uma usina amanhã, mas de estabelecer uma presença duradoura no cenário energético do país”*, destaca Delanoë.

A médio prazo, a Rússia poderia oferecer ao Níger reatores modulares, ou mesmo reatores flutuantes, já testados no Extremo Oriente.

TOGO: CORREDOR RUSSO PARA O SAHEL

Toda a potência emergente busca rotas. O Togo está se tornando o novo centro logístico de Moscou na África Ocidental. Para Delanoë, os eventos de novembro demonstram isso claramente:

- *O Parlamento russo ratifica o acordo de cooperação militar;*
- *Faure Gnassingbé, primeiro-ministro do Togo, visita o Kremlin;*
- *Poucos dias depois, urânio nigerino é discretamente contrabandeado através do território togolês.*

Este corredor é vital:

- *Contorna o fechamento da fronteira entre o Níger e o Benim;*

- *Permite o reabastecimento das tropas russas que operam no Mali;*
- *Fornece à Rússia acesso direto ao mar para suas atividades no Sahel.*

O Togo torna-se, assim, a porta de entrada marítima para o bloco da Ásia Central e Oriental, em um realinhamento geopolítico do qual Moscou se beneficia com notável habilidade.

GUINÉ EQUATORIAL: ÂNCORA ORIENTAL DO SISTEMA RUSSO

Localizada em frente ao Golfo da Guiné, a Guiné Equatorial completa a rede. A visita de Andrei Averianov, um alto funcionário da inteligência militar russa, atesta o fortalecimento da parceria.

Igor Delanoë destaca três áreas essenciais:

- *Combate à pirataria,*
- *Consolidação do regime contra a instabilidade regional;*
- *Proteção contra influências externas.*

O objetivo é claro: transformar a capital, Malabo, em um centro de segurança russo, capaz de, eventualmente, abrigar treinamento, equipamentos e assessores. Os 150 soldados guineenses equatoriais treinados anualmente na Rússia contribuirão para a formação de uma elite militar alinhada aos métodos de Moscou.

RUMO A UM HUB RUSSO-AFRICANO?

O panorama apresentado por Delanoë revela uma estratégia coerente: a Rússia não está construindo um império territorial; está construindo uma rede de pontos de apoio flexíveis, oportunistas e interconectados. O Golfo da Guiné está se tornando:

- *Um hub logístico para o abastecimento dos países da Comunidade Econômica e Monetária da África Austral (SAEC);*
- *Uma ponte entre o Mediterrâneo Ocidental e a África Austral;*
- *Uma potencial plataforma de lançamento para a projeção de poder na América do Sul.*

Ao ocupar espaços negligenciados ou subestimados pelo Ocidente, a Rússia está remodelando o cenário estratégico africano. E, como observa Delanoë, está fazendo isso com uma consistência que muitos na Europa subestimaram por muito tempo.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

****Olivier d'Auzon** é consultor jurídico da ONU e conselheiro de Segurança Marítima e especialista jurídico em transporte da União Europeia e Banco Mundial. É pós-graduado em Estudos de Energia Marítima na Lloyd's World Maritime Academy, mestre em Direito Privado, Contratual e Empresarial pela Université Panthéon Assas (Paris II) e possui doutorado em Transporte e Distribuição Internacional e Transporte Aéreo e Marítimo pela Université Panthéon Sorbonne (Paris I).*
